

BREVE REFLEXÃO SOBRE DUAS LEITURAS DE *O CORTIÇO*, DE ALUÍSIO AZEVEDO¹

Marcos Antonio Martiliano Silva

RESUMO: O artigo propõe um breve estudo comparativo de dois textos duplamente essenciais para a nossa crítica literária, na medida em que: 1) propõem consistentes leituras de um dos mais célebres romances brasileiros, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo e; 2) redirecionam, com essas mesmas leituras, os parâmetros sobre os quais se pautava toda a nossa crítica literária brasileira até então. Trata-se das leituras de *O cortiço* feitas por Affonso Romano de Sant'Anna e Antônio Candido.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Crítica; Estruturalismo.

ABSTRACT: *This paper proposes a brief comparative study of two texts double essentials to our literary criticism, as it: 1) they propose consistent readings of a very important brazilian novel, O Cortiço, by Aluísio Azevedo and; 2) they redirects, through those same readings, the criterion of all brazilian literary critical anterior of the publication of this texts: "O cortiço", by Afonso Romano de Sant'Anna and "De cortiço a cortiço", by Antônio Candido.*

KEYWORDS: Literature; Critics; Structuralism.

I

As leituras críticas pós-oitocentistas de obras produzidas durante as últimas décadas do século XIX apresentam uma nuance digna de nota: trata-se, afinal, de medir criticamente com instrumentos ditos *menos subjetivos* - postos à disposição do crítico pelos estudos que desembocaram no Estruturalismo literário -, o valor de literatos que, a seu turno, acreditavam enfim ter encontrado, transpondo os pressupostos cientificistas então em voga para a série literária, a fórmula da *objetividade narrativa*.

¹ Trabalho apresentado ao módulo "Estruturalismo", da disciplina "Tendências e leituras críticas: problemas e perspectivas (I)", ministrado pela Dra. Sandra Margarida Nitrini no Programa de pós-graduação em Letras da FFCLH/USP.

Trata-se, assim, de colocar em questão a objetividade crítica apoiada em bases seculares hoje vistas por nós como ultrapassadas, lançando mão de artifícios igualmente seculares e portanto igualmente relativos, quais sejam os do Estruturalismo tal qual postularam os teóricos do célebre Círculo Lingüístico de Praga.

Tal noção de relatividade analítica é sem dúvida reconhecida pelos críticos de que nos ocuparemos neste breve estudo, a saber, o Affonso Romano de Sant'Anna e o Antônio Candido leitores de *O cortiço*, romance de Aluísio Azevedo surgido na voga do nosso Naturalismo literário.

Mas, antes de abordarmos as leituras críticas mencionadas, para não sermos injustos com seus autores, seria preciso estabelecermos qual a noção de *estrutura* literária em que se apóiam, na medida em que, conforme constata Wellek (1963, p. 56), seria fácil “reunir centenas de definições de ‘forma’ e ‘estrutura’ de críticos e estetas contemporâneos e mostrar que se contradizem tão radical e basicamente que melhor seria abandonar os termos”.

A saída, nesse caso, seria ir sondar em seus escritos quais as *suas* concepções acerca do termo *estrutura* aplicado ao exame literário, visto que, estabeleçamos enfim, são as referências à estrutura do romance de Azevedo, feitas por esses autores com vistas a embasar suas leituras, de que nos ocuparemos centralmente durante esta breve reflexão.

Entretanto, como se pode facilmente inferir, não cabem nos estreitos limites de um estudo como esse elucubrações teóricas mais exaustivas sobre conceitos teóricos tão vastos e controversos como o são os de *forma* e *estrutura* literária.

Diante disto, não me resta senão assumir os riscos das simplificações, sempre implicadas nas tentativas de aproximar teoricamente dois estudiosos tão complexos como Candido e Sant'Anna, e estabelecer um conceito de estruturalismo, antes de mais nada observado por mim próprio durante este estudo, com o qual penso poder aproximar, ao menos em linhas gerais, as análises dos nossos críticos de *O cortiço*.

Esclarecido isso observo enfim que, basicamente, enquanto recurso de análise literária de que lançam mão os críticos a serem aqui estudados, o Estruturalismo pode ser interpretado tal como o entenderam seus primeiros teorizadores, isto é, como *uma teoria e metodologia de análise capaz de estudar a língua como um sistema de elementos inter-relacionados*, conforme sugere Wellek (id., p. 67)

Publicado num momento em que as reflexões críticas sobre a contribuição do Estruturalismo para a análise da produção literária nacional ainda eram recentes, senão ausentes, entre nós, não estranha que na leitura de Affonso Romano de Sant'Anna de *O cortiço*, publicada em 1974, seja notável um certo tom de entusiasmo com as propostas analíticas sistematizadas pelos integrantes do Círculo Lingüístico de Praga.

Textualmente, esse entusiasmo fica patente na proliferação de termos e expressões típicos do léxico estruturalista, como “espírito simétrico de composição”, “modelos narrativos”, “esquemmatizando” e afins, bem como dos diversos “esquemas” que, ao longo da análise, Sant'Anna elabora para ilustrar a “simetria estrutural” do romance de Azevedo.

Nesse ponto do trabalho, antes de prosseguir, talvez seja necessário fazer uma reflexão sobre as propostas do estruturalismo literário, que na base jamais deveriam ser reduzidas a algo “puramente arquitetural”, conforme adverte René Wellek (p. 67), tal qual elas foram apropriadas pela intelectualidade brasileira. Introduzidas no Brasil via docentes e pesquisadores das nossas poucas universidades públicas em atividade na década de 1970, notadamente da Universidade de São Paulo, tais propostas não encontrariam, num espaço acadêmico vigiado pela censura da política ditatorial, solo propício para que pudessem, inicialmente, ir muito além do “puramente arquitetural”.²

Mas, como veremos adiante, embora não imune totalmente às conseqüências de uma visão estruturalista sufocada pelo controle político, o crítico Affonso Romano de Sant'Anna de *O cortiço* consegue fazer da sondagem da estrutura literária instrumento poderoso de análise.

Talvez porque qualquer teorização mais consistente sobre o fazer literário, ao contrário do que inicialmente aparenta, acabe por desembocar justamente nas reflexões sobre a natureza e a função da obra no contexto social mais amplo, reflexões portanto quase inexecutáveis durante os anos ditatoriais, no texto de Sant'Anna, ao contrário do que ocorre no de Candido, conforme veremos, não temos praticamente nenhuma reflexão explícita sobre ao papel da obra de arte no quadro das manifestações humanas ou, em outros termos, sobre o seu eventual *engajamento*³. E

² Daí provavelmente a pecha que até hoje assombra toda avaliação mais superficial do trabalho com as propostas estruturalistas entre nós, conforme sugeriu-nos em um curso a professora e estudiosa de Machado Assis Dra. Lea Mara Valezi Staut, a quem devo as informações deste trecho.

³ É Antonio Candido (1977, p. 15) quem propõe o termo *engajada* ou *empenhada* para caracterizar toda manifestação artística com potencial crítico-social.

isto certamente dificulta a apreensão das intenções da análise de Sant'Anna, na medida em que não dispomos de quase nenhuma referência mais explícita sobre as mesmas.

Aliás, conforme se infere de um exame global da análise de Sant'Anna, pode ser mesmo que com o seu "O cortiço" não pretendesse - se é que poderia pretender naquele momento -, ilustrar com sua análise muito mais do que a eficácia do Estruturalismo aplicado a uma crítica literária que se esforçava, a todo custo, para contornar o melhor possível a subjetividade que ela própria condenava nas leituras empreendidas durante o século XIX, já que eliminá-la seria uma utopia, conforme demonstrou exemplarmente a estudiosa Leyla Perrone-Moisés (1982;1984;1987) na sua série de estudos sobre "Crítica literária e julgamento de valor [no século XX]".

Talvez por esse motivo, as poucas incursões pela configuração ideológica de *O cortiço*, empreendidas por Sant'Anna, pareçam bastante diminuídas diante de sua consistente e brilhante descrição estrutural da obra.

Na verdade, o alcance da observação sobre o aspecto crítico-ideológico de "O cortiço" pode estar comprometido por uma operação bastante comum em muitas de nossas tentativas de análise estrutural da obra literária: a que separa, de um lado, a crítica social e, de outro, a efetiva configuração estrutural do texto ficcional.

Como ilustração disso na análise sobre a qual ora refletimos, dentre vários outros passos, cito os seguintes comentários de Sant'Anna (1974), que na conclusão de sua leitura, define *O cortiço*, no que tange à sua filiação ou função ideológicas, de dois modos distintos: 1º. O romance seria *contra-ideológico* na medida em que "Aluísio teria praticado em relação à série social uma narrativa contra-ideológica, apontando as falhas do sistema ao denunciar a exploração dos cortiços..." e; 2º. O romance seria *ideológico* visto que, "em relação à série literária, sua obra ... cumpre à risca os preceitos naturalistas seguindo de perto o modelo europeu".⁴

Com efeito, em um primeiro exame parece bastante acertado esse desdobramento proposto pelo crítico em foco, quando da sua apreciação do fator ideológico no romance que analisa, já que, se de um lado o modo como é aí representado o universo social deixa evidente a precariedade e miséria em que se processava a crescente urbanização carioca em fins do século

⁴ O ensaio de Sant'Anna a que nos referimos neste artigo intitula-se *O cortiço* e está incluído na obra do autor cujo título é bastante sintomático do que temos até então apontado: *Análise estrutural de romances brasileiros*.

XIX, por outro lado não há nenhuma perspectiva de movimentação social dos moradores do cortiço, relegadas assim às *determinações* supostamente já definidas étnica (*raça*), social (*meio*) e historicamente (*momento*), como dogmaticamente defendiam os naturalistas.

Em que pese isso, sem menosprezo da eficácia didática da proposta de Sant'Anna, é preciso colocar a questão: ora, não foi justamente graças ao Estruturalismo, por sua vez apoiado nos pressupostos psicanalíticos, filosóficos e lingüísticos desenvolvidos no século XX, que constatamos estar intimamente relacionados à esfera temática e a configuração formal no que para o nosso século é a “boa” obra literária?

De fato, fica evidente nos comentários de Sant'Anna, anteriormente mencionados, a separação entre esses dois planos: o da tematização da sociedade (conforme se poderia interpretar a vaga expressão “série social”), e o da sua representação em termos formais (conforme se poderia interpretar a ainda mais vaga expressão “série literária”).⁵

Dessa perspectiva, a potencialidade crítico-social do romance de Azevedo ficaria bastante comprometida, na medida em que de pouco vale, em termos de eficácia da mensagem literária, empreender no nível temático um protesto que não obtenha ressonância na forma da obra literária em cujo bojo ele é expresso.

Em outras palavras, bastante reduzido seria o alcance da crítica ideológica formulada tematicamente nas linhas e entrelinhas do texto ficcional, se a ela não se oferecesse a contrapartida, no plano estrutural mais amplo, das alternativas para a superação do estado de coisas que coloca em questão.

No caso, a crítica ideológica de *O cortiço*, endereçada ao sistema ou mesmo à estrutura social, seria quase nula na medida em que, estruturalmente, todo o andamento da narrativa aponta para a impossibilidade de mobilização social por parte de *raças inferiores* habitantes de um *meio* ao que tudo indica em desacordo com os atributos da civilização. Isto pressupondo-se, sempre, que o que diferencia a obra literária dos demais textos escritos é justamente sua perfeita comunhão entre um modo e uma forma de dizer, ou, em termos mais condizentes com a crítica brasileira pós-1970, sua *coerência estrutural*.

⁵ Cabe advertir que a separação que por vezes estabeleço aqui entre “tema” e “forma” tem apenas uma função didática, conveniente ao maior detalhamento da análise das leituras ora examinadas, pois, conforme estabelecemos nas palavras introdutórias deste trabalho, tema e forma devem ser tomados como termos inter-relacionados (embora não sinônimos), justamente porque é a partir dessa inter-relação que fará sentido falar em *estrutura*, conforme aprendemos com os fundadores do estruturalismo literário.

Tais aspectos, se apontam eventualmente para a limitação imposta à análise literária empreendida na época de “O cortiço”, apontam, também, num aspecto mais amplo, para a complexidade do exercício crítico embasado nas propostas do Estruturalismo literário; afinal, a cada surgimento de uma grande obra literária, estamos reaprendendo a lidar com as categorias da análise estrutural, cuja riqueza descobrimos assim a cada novo desafio imposto à complexidade do trabalho crítico.

Mas não é, de todo modo, acredito, as incursões pela análise ideológica mais exaustiva o mérito principal da análise de Sant’Anna. Sua principal contribuição, não só ao entendimento de um dos maiores romances de nosso século XIX, mas ao exercício da crítica estruturalista entre nós como um todo, foi justamente o de filiar, com argúcia sem precedentes, o romance de Azevedo ao pensamento em voga no seu tempo.

Aliás, creio mesmo que o próprio Sant’Anna, pelo curso geral de sua análise, pense que o mérito maior de *O cortiço* seja exatamente este: o de bem realizar, na estrutura do texto literário, os pressupostos científicos do século XIX; e, de minha parte, reafirmo que o mérito maior de Sant’Anna é justamente o de não ter deixado dúvidas sobre a eficácia estrutural, e portanto expressiva, do romance que analisa.

Com efeito, no exame minucioso da configuração das personagens, salientadas no romance sobretudo em seu aspecto animalesco, ou “físico-objetivo”, como ensina nosso crítico, na ambientação da história, encenada num meio em que tudo parece incitar os mais primitivos instintos do homem e da mulher, e em cada detalhe do enredo – os muros do sobrado, as bandeiras dos cortiços, a menstruação de “Pombinha” etc. -, Sant’Anna demonstra que nada sobra no romance, nesse sentido exemplar, de Azevedo, na medida em que tudo nele, elevado a símbolo, aponta para a idéia de que, na vida, sobrevivem os mais aptos, conforme tão religiosamente acreditou, não sem desapontamento, a intelectualidade das décadas finais do nosso século XIX.

II

Se a análise de Sant’Anna sobre *O cortiço* resente-se de maiores teorizações acerca do fazer literário e da obra de arte, na leitura de Candido (1993) sobre o mesmo romance, em

contrapartida, a elas são dedicadas todo um capítulo inicial, além de vários outros momentos do texto.

Graças a essas teorizações, certamente mais desprendidas nos textos escritos num período mais brando da censura ditatorial, no que diz respeito às relações entre o texto literário e a configuração social – o texto de *Candido* surge depois do de *San'Anna* -, é possível estabelecer com relativa clareza os propósitos dessa segunda leitura do romance de Azevedo.

Nesse sentido, as referências constantes de *Candido* à “originalidade” de *O cortiço*, por exemplo, distanciam-no sobremaneira da análise de *San'Anna*, pois, se neste último a tentativa de ilustrar a fidelidade de Azevedo a um modelo narrativo em voga no século XIX faz praticamente inexistir em seu discurso, ao menos num nível mais explícito, as preocupações com a especificidades da obra ou do escritor, na análise de *Candido* a presença destas preocupações aponta justamente para o inverso, ou seja, para o ensejo de indicar a narrativa de Azevedo como uma manifestação literária peculiar, ainda que estruturada a partir de pressupostos literários de escola.

Assim, não estranha que *Candido* (1993, p.123, it. meu) introduza sua análise evocando um dito proustiano segundo o qual “todas as vezes ... que um grande artista nasce é como se o mundo fosse criado *de novo*, porque nós começamos a enxergá-lo como ele o mostra”.

Entretanto, cioso de afastar-se da subjetividade crítica típica do século XIX, cujas noções de beleza artística estavam quase sempre atreladas a aspectos exteriores ao texto literário, *Candido* (id., p. 124), apontando as contribuições do Estruturalismo para o desenvolvimento de seu trabalho crítico e trazendo assim a questão para dentro do texto, postula que o processo criativo se dá a partir da “fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo” e, por isso, acrescenta, “seria melhor a visão que pudesse rastrear na obra o mundo como material”.⁶

O romance de Azevedo, embora “texto segundo” na medida em que “vê o meio com lentes tomadas de empréstimo”, será contudo, para *Candido* (ibid, p. 125), um “texto primeiro” na medida em que “filtra” esse mesmo meio.

⁶ A expressão “lentes tomadas de empréstimo” alude a Émile Zola, cujo romance *Germinal*, reconhece *Candido*, forneceu não só fundamentos como até mesmo vários detalhes estruturais ao romance de Azevedo.

Embasado nesse pressuposto, o *uso* que Candido faz da estrutura, que em Sant'Anna pretendia justamente indicar a eficácia do romance de Azevedo como expressão da ideologia de toda uma época em termos mais universalizantes, conforme vimos, terá sobretudo o intuito de apontar que, não sem deixar de fazer-se homem de seu tempo, Azevedo acabou por plasmar em *O cortiço*, ainda que numa perspectiva hoje por nós posta em questão, uma configuração social específica, a da cena social brasileira de sua época.

A idéia de uma originalidade do romance de Aluísio em relação à sua matriz européia, qual seja, o romance *Germinal*, de Émile Zola, ambientado na França, encontraria respaldo sobretudo na presença, no primeiro, de um “primitivismo econômico” que, ausente na França pela maior urbanização e conseqüente maior divisão das esferas sociais, no Brasil de *O cortiço* estaria presente na medida em que “o enriquecimento é feito à custa da exploração brutal do trabalho servil, da renda imobiliária arrancada ao pobre, da usura e até do roubo puro e simples...”, conforme observa Candido (ibid., p. 127).

E, em termos formais, Candido evoca como respaldo à sua tese – segundo a qual *O cortiço* seria, “antinaturalisticamente” uma “alegoria do Brasil” ou mesmo um “Brasil em miniatura”, conforme estabelece à página 137 da análise -, entre vários outros fatores, a proximidade entre sobrados – do Miranda e depois de João Romão – e cortiços – cabeça de Gato e depois Carapicus – como realização estrutural da proximidade entre pobres e ricos característica do “primitivismo econômico” a que alude.

Mais ainda, num romance que também teria sua originalidade em tomar, pela primeira vez entre nós, o dinheiro como eixo narrativo, o próprio “ritmo [da narrativa] acaba se ajustando ao ritmo da sua acumulação, tomada pela primeira vez no Brasil como eixo da composição ficcional (p. 131).

Também nessa direção, indicando uma espécie de configuração literária das teorias evolucionistas em voga à época de Azevedo, o autor de *Literatura e sociedade* (ibid, p. 134) observa que o “cortiço brasileiro [representado em Azevedo] é horizontal ao modo de uma senzala, embora no fim, quando o proprietário progride, adquira um perfil mais urbano e um mínimo de verticalização nos dois andares de uma parte da vila nova”.

Em termos mais amplos, num outro passo, Candido (ibid., p. 136) observa que a

passagem do espontâneo ao dirigido manifesta acumulação do capital, que disciplina à medida que se disciplina, enquanto o sistema metafórico passa do orgânico da natureza para o mecânico do mundo urbanizado.

Nessa mesma direção, enfim, será encaminhada toda a análise empreendida no texto “De cortiço a cortiço”, em que, mais distante dos entusiasmos iniciais com as propostas do estruturalismo literário entre nós, entusiasmos aos quais se poderia acrescentar uma espécie de “missão”, duplamente didática, da crítica – que com seu trabalho não só reensinava o leitor a ler o texto literário, mas a própria crítica a analisá-lo -, Candido (ibid., p. 140) tem a possibilidade de apropriar-se das técnicas estruturalistas para apoiar uma tese pessoal sobre *O cortiço*: a de que este romance seria “ao mesmo tempo, um sistema de relações concretas entre personagens e uma figuração do próprio Brasil”.

Para concluir este passo, seria pertinente ainda uma vez advertir para o caráter esquemático da presente análise, em razão do qual não me demorei em vários pontos de ambas as leituras de *O cortiço* aqui brevemente apreciadas, pontos estes que, mais exaustivamente cotejados, eventualmente apontariam mesmo para a potencialidade de um complexo diálogo entre Sant’Anna e Candido, ambos inegavelmente conscientes do papel decisivo do seu trabalho nos rumos de nossa crítica literária ensaiada nos decisivos anos de 1970.

Assim, talvez o que de fato possamos apontar, como uma síntese das nuances entre os dois mestres da crítica literária ora apreciados, seria que, enquanto Sant’Anna, didaticamente, empreende uma leitura *estruturalista* de *O cortiço*, Candido, porventura cômico do caminho aberto pelo colega de ofício, pioneiramente, oferece uma visão *estrutural* de um dos mais bem-realizados romances de toda a nossa literatura.

IV

Escritas em momentos diferentes, as leituras de Sant’Anna e de Candido brevemente analisadas nesta reflexão que ora concluímos, ao lançarem mão das técnicas estruturalistas para

embasamento de suas leituras, trazem à tona, mais uma vez e de modo exemplar, a decisiva contribuição das mesmas para a compreensão contemporânea do texto literário.

Com efeito, graças a leituras como as aqui analisadas, aprendemos que, se a obra literária continua sendo única, esta singularidade contudo não se explica somente pela referência a determinadas realizações de noções tão subjetivas como as de “beleza”, “profundidade” e afins, conforme as entendiam a elite intelectual do século XIX.

Sob a égide dos estudos estruturalistas, de cujas propostas lançaram mão Candido e Sant’Anna, (re)aprendemos que a obra é “profunda”, de fato, mas num sentido muito mais complexo do que poderia supor o nosso leitor do oitocentos, ainda desconhecedor dos mundos ocultos da mente perscrutada nos divãs freudianos e que, entre outros fatores, determinou decisivamente os estudos sistematizados pelos estudiosos do Círculo Lingüístico de Praga.

Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas cidades, 1993, p. 65-79
- MOISÉS, Leyla Perrone-. Escolher e/é julgar. *Colóquio/Letras*, n. 65, 1982
- _____. História literária e julgamento de valor. *Colóquio/Letras*, n. 77, 1984
- _____. História literária e julgamento de valor (II). *Colóquio/Letras*, n. 100, 1987
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974, p. 97-115
- WELLEK, René. Conceitos de forma e estrutura na crítica do século XX. In: _____. *Conceitos de crítica*. Trad. de Oscar Mendes. São Paulo: Cultrix, s/d. p. 56-68